

Ensinando história através da memória: multiculturalismo e método histórico

Marcos Ithalo de Souza Costaⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Crateús, CE, Brasil 

Rafael Britto de Souzaⁱⁱ

Universidade Estadual do Ceará, Crateús, CE, Brasil

Resumo

Ao se analisar a sociedade contemporânea, torna-se nítido que esta passa por inúmeras mudanças, como uma mais intensa e estruturada luta por reconhecimento e equidade por parte de grupos sociais historicamente excluídos, evidenciando nossa realidade multicultural. Nessa conjuntura, os professores de história devem buscar novas metodologias, haja vista que atualmente essa disciplina é tida como tediosa e irrelevante por porcentagem significativa dos estudantes. Tendo em conta o distanciamento de seus conteúdos do contexto social dos discentes, ao adotar metodologias e ferramentas tradicionais. Assim, esse trabalho objetiva apontar meios para revalorizar a história através de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, de cunho conceitual. Como fonte, utilizamos trabalhos que tematizam novas metodologias para o ensino de história que a aproxima à realidade social vivida. Pudemos demonstrar que apresentar os conteúdos históricos a partir das inquietações e memórias pessoais dos estudantes tende a os aproximar da disciplina e a fomentar o pensamento crítico.

Palavras-chave: Multicultural. Metodologia. Contexto social. Memórias.

Teaching history through memory: multiculturalism and the historical method

Abstract

When analyzing contemporary society, it becomes clear that it undergoes numerous changes, such as a more intense and structured struggle for recognition and equity on the part of historically excluded social groups, evidencing our multicultural reality. At this juncture, history teachers must seek new methodologies, given that this subject is currently regarded as tedious and irrelevant by a significant percentage of students. Considering the distance of its contents from the social context of the students, when adopting traditional methodologies and tools. Thus, this paper aims to point out ways to revalue history by means of a qualitative and bibliographic methodology using a conceptual framework. As a source we utilize works that focused on methodologies of teaching history through the use of lived experiences. As a result, we could conclude that presenting historical content relating it with personal memories of the students tends to foster critical thinking and a make history more approachable.

Keywords: Multicultural. Methodology. Social context. Memoirs.

1 Introdução

Ao se analisar como transcorre efetivamente o ensino de história na prática educacional em nosso país, torna-se evidente que esta disciplina é frequentemente apresentada no ensino básico de forma superficial, fragmentada, excessivamente simplificada e sem analisar sua real função na vida dos estudantes. Essa conjuntura, ocorre devido uma prática pedagógica que limita sua atenção à mera transmissão de conteúdos, sem levar em conta as várias formas de se escrever a história e a variação da bibliografia apresentada em sala de aula. Como consequência, muitos estudantes ao concluírem o ensino fundamental, ou até mesmo o médio, acreditam que o fato histórico que estudaram é uma verdade absoluta e inalterada. Entretanto a história, como todas as demais ciências, encontra-se em constante atualização, visto que suas narrativas podem ser alteradas ao se encontrar novas evidências sobre o tema, pois o método científico por intermédio de experimentos e observações do meio é antagônico ao dogmatismo e a convicção irrestrita.

Desse modo, em oposição ao espaço acadêmico que é marcado pela multiplicidade de leituras, interpretações, métodos e temas, muitas vezes por meio de pesquisas diversas (GUIMARÃES, 2003), a educação básica, com raríssimas exceções, manifesta-se como ineficiente na criação de um ambiente que fomenta o debate de ideias. Tal realidade, ocorre com a justificativa da impossibilidade de se “estudar toda a história”; da dificuldade dos professores em selecionar os conteúdos apropriados, mantendo-se em geral com os assuntos tradicionais e distanciando-se daqueles conteúdos mais significativos para o público escolar, proveniente de diferentes realidades sociais e culturais (BITTENCOURT, 2008). Conservando-se desse modo, uma forte influência da abordagem histórica tradicional sobre o ensino básico, que como efeito, tende a manter o enfoque dos conteúdos em uma história política e factual, apresentada sequencialmente de forma linear e progressiva.

Esse estado de coisas demonstra a importância de se compreender as principais tendências historiográficas para o trabalho docente, haja vista a inegável relevância de assimilar como as narrativas históricas são produzidas, para identificar e selecionar os mais apropriados referenciais teóricos para a apresentação dos conteúdos. Nesse sentido, cabe enfatizar que a história tradicional surgiu no século XIX

paralelamente a criação dos Estados Modernos e consolidação de suas histórias nacionais de caráter político e militar. Dessa maneira, com a idealização de reconstruir o passado tal como ocorreu, apoiados por uma suposta objetividade e inegável veracidade dos documentos de viés político e que tematizavam sobre a relação dos Estados ou chefes políticos e militares, desenvolveu-se essa história tipificada como positivista (REIS, 1995).

3

Assim, para essa forma de se fazer história, que tem Leopold Von Ranke como um dos nomes mais importantes, caberia aos historiados de modo neutro e imparcial; compilar e narrar de forma linear, progressiva e harmônica os fatos descobertos nos documentos, ressaltando sobretudo os feitos políticos e os grandes heróis (BORGES, 1987). Esse modelo de se pensar a história, apesar de bastante questionado devido a impossibilidade da objetividade e neutralidade absoluta, tornou-se a corrente histórica mais predominante em sala de aula. E apesar de sua inegável contribuição para a história como disciplina, ao consolidar a importância do método e documentação para a escrita histórica, suas diretrizes não condizem mais com a realidade multicultural em que vivemos. Haja vista, que esse modelo de narração durante anos marginalizou grupos como mulheres, negros, indígenas, homossexuais, dentre outros, ao ignorar suas manifestações culturais, valores, feitos; isto é, suas histórias.

Nesse sentido, “O “multiculturalismo” se constitui num movimento, num campo político de embates, de construção de identidades, no qual as relações de classe, gênero, etnia são relações de poder, autoridade, dominação e resistência na lógica da sociedade capitalista.” (SILVA; FONSECA, 2007, p. 47). Com isso, nessa conjuntura típica das sociedades pós-modernas, marcada pela globalização e pela luta por reconhecimento, a história mais do que um retorno acrítico ao passado, deve consolidar um diálogo entre as problemáticas do presente e eventos anteriores. Em vista disso, faz-se de notória importância desenvolver novas metodologias que levem em conta a multiplicidade ética, social e cultural dos estudantes, e desse modo transformar a maneira como os discentes veem a disciplina História. Visto que atualmente é tida desinteressante e monótona por parcela significativa dos estudantes do ensino fundamental e médio, ao se destacar que o aluno só considera

relevante a aprendizagem que seja significativa para si. (SCHMIDT; CAINELLI, 2004).

Posto isso, frente a necessidade de revalorizar a história, principalmente em um contexto que somos cotidianamente expostos a uma infinidade de informações que de modo geral não podem ser caracterizados como conhecimento científico, o presente artigo, visa explorar e fundamentar a importância de apresentar os conteúdos históricos a partir das inquietações e memórias dos estudantes atuais. Visto que estes estão a cada dia, social e culturalmente mais diversos, não se reconhecendo mais nas mesmas faces e datas dos livros de ensino de história tradicional.

4

2 Metodologia

Os efeitos da realização e conseqüente composição do artigo foram obtidos com apoio na técnica de revisão bibliográfica, com trabalhos que tematizavam metodologias para um ensino de história mais condizentes com nossa conjuntura político-social. Essa investigação, partiu de uma indagação inicial sobre a importância de trabalhar os conteúdos históricos a partir das inquietações e problemáticas do presente. Questionamento este, intimamente ligado ao objetivo geral do trabalho de elucidar metodologias mais alinhadas com o mundo multicultural em que vivemos.

Além disso, estabeleceu-se uma abordagem qualitativa, no sentido de o objeto de pesquisa ser estudado de forma ampla, por meio de análises de artigos e estudos notáveis nas áreas de ensino e historiografia. Desse modo, essa pesquisa de caráter bibliográfico, propõe uma reflexão acerca de maneiras de revalorizar a história, tal como a importância de apresentar seus conteúdos, a partir dos anseios e memórias dos estudantes presentes em sala de aula.

3 Resultados e Discussões

O contexto educacional incluído na conjuntura da contemporaneidade, marcada por mudanças aceleradas e pela luta por reconhecimento de grupos tradicionalmente excluídos, exige uma mudança de postura por parte do professor de história, para possibilitar a construção de uma aula que, ao romper com o ensino tradicional, aproxime os conteúdos trabalhados em sala à realidade do contexto histórico e dos alunos. Esse fato, torna-se possível com a elucidação de que todos nós somos sujeitos históricos e, portanto, responsáveis por construir a história. Em oposição a vertentes historiográficas do século XIX que focavam em datas marcantes, a maioria de caráter político, e em grandes personagens, que muitas vezes idealizados eram lidos como heróis. Essa visão também questiona o ensino prioritário das dimensões econômicas e políticas da realidade, como o Marxismo Ortodoxo tendeu a propagar, ao focar demasiado na história das grandes rupturas.

Para a consolidação dessa mudança no ensino, por meio de um distanciamento da forma tradicional, caracterizada como factual e memorizante, Souza (2004) dirige-se aos professores, incluindo-se nessa declaração, afirmando ser “necessário, entre outras coisas: uma mudança na nossa postura de perceber e analisar a realidade social [...] trabalharmos com as experiências de vida nossa e de nossos alunos [...] perceber que a história quem faz somos nós.” (SOUSA, 2004, p.1). Assim, cabe ao professor, por meio da percepção e reconhecimento da realidade social, utilizar-se de suas experiências de vida para problematizar a história tradicional por meio da análise dos contextos históricos e desmistificação de heróis, que não passam de construções coletivas, para desse modo, tornar a história um conhecimento atrativo e despertar no aluno o protagonismo por sua aprendizagem.

Todavia, é um fato que a estruturação do currículo quanto ao ensino, principalmente nas ciências humanas, sofre grandes imposições ideológicas daqueles valores predominantes em determinada época. Realidade evidenciada, ao se observar que “A ideologia liberal tem atuado na área do currículo em particular, e da educação como todo, na perspectiva de reformas graduais, centralizada nos programas e objetivos de forma bastante utilitarista, apropriando-se da chamada dimensão político-econômica na qual a escola se insere.” (HORN; GERMINARI, 2013,

p. 19). Assim, a depender da forma de como o currículo é historicamente construído, os conteúdos podem ser organizados de forma totalmente desconexa da vida do estudante, tornando o ensino demasiadamente literário, individualista, abstrato e descontextualizado.

Posto isso, manifesta-se a necessidade de um olhar atencioso quanto a atuação das escolas e sua conexão com as esferas política, econômica e ideológica da sociedade, tendo em vista que a assimilação do currículo só se dará a partir dessa compreensão. Alia-se a este, o entendimento que o currículo além de temporal “É histórico. Medeia as relações entre escola, conhecimento e sociedade. É relacional. [...] ocupa lugar central na construção identitária dos alunos. O campo curricular pode ser entendido como um lugar de representação cultural, de avanços e retrocessos, de luta pelo poder, de multiculturas, de exclusão e de escolhas.” (SILVA; FONSECA, 2007, p. 49). Nesse sentido, o currículo mais do que um elemento para guiar e orientar o trabalho escolar é um objeto de interesse e por consequência, de disputas sociais e culturais. (SILVA; FONSECA, 2007).

Assim, em decorrência de lutas sociais organizadas e persistentes, o Estado e alguns setores sociais passaram a reconhecer o pluralismo intrínseco à sociedade brasileira e a educação escolar como um espaço de reconhecimento, afirmação e entendimento de identidades diversas. Como exemplo temos a promulgação da Lei Federal n. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. Ademais, também foi decretada a Lei 11.645 de 10 de março de 2008 que estabeleceu o estudo da história e cultura indígena.

Outrossim, com a determinação da Lei de Diretrizes e Bases da educação – LDB 9394/96 – estabeleceu-se a necessidade de vincular a prática educacional à realidade social, mundo do trabalho e formação para a cidadania. Com estas definições, exige-se dos estudantes a capacidade de utilizar os conteúdos aprendidos em sala de aula para mudar tanto a si próprios, quanto a realidade em que estão inseridos. E quanto aos currículos que definem o ensino de história, cabe aos conteúdos por eles estabelecidos, terem a capacidade de associar-se com as problemáticas do presente. Visto que:

Os conteúdos curriculares [...] São considerados meios para a aquisição de capacidades que auxiliem os alunos a produzir bens culturais, sociais e econômicos e deles usufruir. Nesse sentido, os conteúdos ocupam papel central no processo de ensino-aprendizagem, e sua seleção e escolha devem estar em consonância com as problemáticas sociais marcantes em cada momento histórico (BEZERRA, 2004, p. 39).

7

Assim, para além do ensino, a pesquisa histórica também deve ser vista hoje, como o desenvolvimento de um diálogo entre o presente e passado. Esta seria a visão que mais se aproxima da concepção de historiografia inaugurada pela escola dos Annales. Tal corrente, estabelecida por Marc Bloch e Lucien Febvre, centrou-se na produção de uma história-problema que visava fornecer respostas às demandas surgidas no presente (BITTENCOURT, 2008). Dessa forma, estabelecendo uma ruptura com a tradição acadêmica anterior de considerar que os documentos “falam por si”, sendo responsabilidade dos historiadores apenas a compilação dos fatos após a crítica documental, a escola dos Annales adota uma nova forma de pesquisa que mantendo a crítica às evidências documentais, deve ser fundamentada também na problematização e construção do passado.

Nessa linha de pensamento, tão importante quanto estabelecer uma nova forma de se pensar a pesquisa histórica, é pensar como os resultados delas serão apresentados e trabalhados em sala de aula. Nessa veia, torna-se de igual importância a construção de conceitos para um ensino de história e que estes partam da realidade na qual o estudante encontra-se inserido. Cabe aqui enfatizar que os conceitos históricos são abstrações, que no intuito de sintetizar a abrangência e pluralidade do trajeto humano no tempo, exterioriza em palavras diferentes realidades históricas. Nessa perspectiva, ao apresentar estes conceitos em sala de aula é importante partir dos conhecimentos externos à escola possuídos pelos alunos, haja vista, que os estudantes, como sujeitos históricos inseridos em uma realidade social, encontram-se cotidianamente em contato com algumas destas ideias, tais como economia, sociedade, poder, família, dentre outros.

Essencialmente, é importante para um ensino eficiente e condizente com a realidade:

[...] ter como ponto de partida as representações dos alunos, mas não centralizar e deter o ensino nesses conhecimentos, pois certas compreensões podem ser insuficientes para explicar a realidade. Os conhecimentos trazidos para a sala de aula podem ser considerados marco inicial e assimiladores, servindo para dar significado aos conteúdos históricos trabalhados (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 61 – 62)

8

Essa forma de ensino, possibilita que o aluno não se limite a ser um mero receptor passivo das informações do professor, mas incorpore os fenômenos e objetos do mundo social partindo de suas próprias vivências e, dessa forma, tenha a capacidade de reconhecer e, quando necessário, desmistificar o sentido dos conceitos presentes em sua realidade. Ademais, também é de grande importância que a apresentação dos conceitos históricos ocorra por meio de uma linguagem acessível e condizente com o desenvolvimento intelectual estudantes. Assim, cabe ao professor utilizar-se de uma prática didática que facilite a aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, a incorporação das memórias em sala de aula, seria um método que se apresenta como capaz de fomentar um maior diálogo entre as problemáticas do presente e do passado, de tal forma a possibilitar a compreensão dos estudantes como sujeitos históricos e que a realidade na qual estão inseridos depende sobremaneira dos esforços de nossos antepassados. Contudo, faz-se necessário elucidar que a memória se distingue de história, haja vista que essa primeira apesar de ser um conhecimento do passado, encontra-se completamente regulada pela conjuntura do presente, pois para além das lembranças individuais a memória é estruturada a partir de interesses coletivos que glorificam ou desprezam eventos do passado, dividindo a forte carga de julgamentos morais que a torna sujeita a indefinições, erros e distorções.

Apesar de a História operar com memória, tendo em mente que esta é um tipo de fonte utilizada por aquela, a História, utilizando-se de sua característica acadêmica de verificação, busca uma reconstrução do passado de forma crítica ao se sustentar em sua teoria e método. Isso é possível por meio do uso de

ferramentas de estudo que objetivam entender como e por qual finalidade as fontes foram criadas. “A história, [...] não é só levantamento de dados ou fatos; ela os relaciona entre si, procurando descobrir e sistematizar as relações existentes entre eles. [...] Em história surge sempre uma tarefa primordial: periodizar, isto é, organizar a sucessão de diferentes períodos cronológicos.” (BORGES, 1987, p. 66).

Devido a isso:

O historiador que busca compreender e recuperar o movimento, a contradição, e que entende que esta compreensão é dada pela mútua determinação do sujeito que investiga e do objeto investigado, só pode entender por método o diálogo entre teoria e evidências. Isto implica que os procedimentos não sejam definidos a priori, ou externamente, mas sim no decorrer da pesquisa, fruto do próprio diálogo (VIEIRA et al., 1989, p. 44).

Portanto, ainda que diferentes, História e memória estão em constante diálogo e associá-las facilita o trabalho com conceitos históricos em sala de aula, com os devidos e necessários cuidados, como: a adequação destes a realidade dos alunos; situá-los em um contexto histórico, pois, os conceitos estão inseridos em uma historicidade, visto que foram criados para definir uma questão em uma determinada realidade, apresentando-se como imprecisos em outros contextos; e por fim, o respeito com a bagagem cultural e intelectual do estudante

Desse modo, com base nos fatos citados, compreende-se a importância de se estudar os acontecimentos históricos apoiados em uma problematização de fatores da vida social, para com isso desenvolver um pensamento crítico acerca do presente e que busque relações com o passado. Assim como, a compreensão de que alguns conceitos tidos como imutáveis, não passam de construções históricas que só podem realmente ser compreendidos aprofundando-se no contexto no qual estão situados. O entendimento desses fatores, possibilita que o ensino da história estimule o exercício da cidadania e com isso promova o repúdio a qualquer tipo de discriminação.

Esse modelo pode tornar o ensino da história mais condizente com o multiculturalismo e sua ideia norteadora de que as culturas diversas e heterogêneas, devem ser respeitadas na sua essência, visto que, quando se trata de costumes não devemos nos guiar por critérios morais estáticos de existir um certo ou errado.

Busca permitir aos alunos conectar fatos remotos com a realidade do presente, compreender conceitos próprios da história, entender a origem e mecanismos de atuação de preconceitos, diferenciar uma história científica daquelas que possuem fins políticos, como também desconstruir verdades absolutas. Esses fatos, possibilitam uma aproximação e integração do aluno à história, despertando seu maior potencial transformador, via a inclusão histórica.

4 Considerações Finais

Mediante a contextualização e conceitualização exposta é necessário enfatizar que ao seguir os princípios de uma educação mais inclusiva, não é o aluno que tem que se adaptar a escola, mas a instituição de ensino que deve se adaptar ao estudante. Nesse sentido, urge a criação de um ambiente que atenda as necessidades do estudante, por meio da criação de estratégias que possuem como objetivo a viabilização de um ambiente que assegure sua aprendizagem. Esse processo, perpassa desde a estrutura escolar e seus currículos, até as práticas educacionais adotadas pelo professor em sala de aula.

Tal fato, na educação e pedagogia envolve muitas questões relacionadas ao multiculturalismo, como a criação de um ambiente em sala de aula que acolha as diferenças e estimule problematizações com os alunos, com temas como racismo, homofobia, xenofobia, isto é, as várias formas de preconceito. Desse modo, a diversidade cultural aplicada à educação inclui abordagens de ensino que expõe os alunos à diversos grupos e práticas culturais, fato necessário para a aprendizagem quanto ao respeito às diferenças em questões como identidade cultural e gênero. Um exemplo dessa conquista de ações afirmativas pelo multiculturalismo na educação, é a obrigatoriedade de ensino da história da África e cultura afro-brasileira, assim como das populações nativas, como um modo de estruturar um pensamento decolonial que contrapõe o eixo de estudos euro-centrados que tradicionalmente as escolas brasileiras adotam.

Nesse contexto, o conhecimento histórico que tem como objetivo a compreensão dos processos e sujeitos históricos, necessita de metodologias

apropriadas tanto para a pesquisa científica, quanto para o ensino escolar de uma forma que desperte a consciência social no aluno, não de um modo que este saiba os pormenores de como realizar uma pesquisa histórica, mas que tenha a capacidade de compreender que o conhecimento histórico encontra-se em constante atualização e como este se relaciona a sua realidade social. Portanto, a História para além de uma descrição linear e factual pode explicar tanto as permanências, quanto as rupturas sociais, com a necessária elucidação de que, apesar da narração histórica não descrever a realidade como tal, possui uma série de métodos que a aproxima o máximo possível desta. É possível, a partir dessas narrações que elucidam o passado, desenvolver a formação de valores que contribuem para uma sociedade multicultural mais justa e que respeite as diversidades no presente.

Referências

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos. *In*: KARNAL, Leandro (Org.). **História em sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 37-48.

BITTENCOURT, Circe Maria. **Conteúdos históricos: como selecionar?** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BORGES, Vavy Pacheco. **O Que é História?** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história**. 8 ed. Campinas-SP: Papyrus, 2003.

HORN, Geraldo Balduino. GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

REIS, José Carlos. A Escola Metódica, dita “Positivista”. *In*: REIS, José Carlos. **A História entre a Filosofia e a Ciência**. São Paulo: Contexto, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Marcos e FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido**. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

SOUSA, Manoel Alves. O ensino de história: alguns questionamentos: dialogando com meus colegas professores. *In: SOUSA, Manoel Alves. Manual do professor.* Fortaleza: ED IMEPH, 2004, p. 1-13.

VIEIRA, Maria do Pilar; PEIXOTO, Maria do Rosário; KHOURY, Yara. Os passos da pesquisa. *In: A pesquisa em História.* 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 29-64.

ⁱ **Marcos Ithalo de Souza Costa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9328-1790>

Universidade Estadual do Ceará; Faculdade de Educação de Crateús

Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Ceará; Faculdade de Educação de Crateús UECE/FAEC. Experiência em atividades de monitoria na disciplina de Introdução aos Estudos Históricos. Bolsista em Iniciação Científica pela UECE.

Contribuição de autoria: Participação na concepção, pesquisa, escrita e revisão do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5497037417220650>

E-mail: marcos.ithalo@aluno.uece.br

ⁱⁱ **Rafael Britto de Souza**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0346-0857>

Universidade Estadual do Ceará/ Faculdade de Educação de Crateús, Crateús, CE, Brasil

Graduado em Psicologia (UNIFOR), Pedagogia (UECE) e Filosofia (UNINTER), Mestre em Psicologia (UFC) e Filosofia (UECE), com doutorado em Educação (UFC). Professor Assistente da UECE-FAEC

Contribuição de autoria: Participação na concepção, escrita e revisão do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5738348173530537>

E-mail: rafael.britto@uece.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

COSTA, Marcos Ithalo de Souza; SOUZA, Rafael Britto; BRAZIL, Vicente Tiago Freire. Ensinando história através da memória: multiculturalismo e método histórico. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.